



EIXO TEMÁTICO:
Organização e Representação da Informação e do Conhecimento

**BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS NO CONTEXTO DA CATALOGAÇÃO
COOPERATIVA: REFLEXÕES ACERCA DO PROJETO CATALOGAÇÃO NA
FONTE**

***UNIVERSITY LIBRARIES IN THE CONTEXT OF THE COOPERATIVE CATALOG:
REFLECTIONS ON THE PROJECT CATALOG AT THE SOURCE***

Jorge Santa Anna (UFES) - jorjao20@yahoo.com.br

Resumo: A catalogação vem se destacando e se tornando cada dia mais efetiva, graças às práticas de cooperação realizadas nas unidades e serviços de informação. Essa cooperação viabiliza que gestores, usuários intermediários e usuários finais estejam em constante interação, no intuito de evitar formas variadas de representação nas fichas e nos catálogos. Sendo assim, este artigo traz à baila a importância dos catalogadores e gestores de bibliotecas universitárias trabalharem conjuntamente, de modo a garantir um processo padronizado, uniforme e integrado. Objetiva analisar o processo de catalogação realizado em bibliotecas, considerando ou não, durante a realização desse processo, a extração de dados catalográficos retirados da ficha catalográfica impressa nos livros (Catalogação na Fonte). Com esse propósito, o estudo traz reflexões teóricas acerca do processo de catalogação no contexto das bibliotecas universitárias, e investiga a opinião dos profissionais a respeito de como consideram as informações da ficha no momento de realizar as representações no catálogo da biblioteca. Metodologicamente, utilizou-se pesquisa bibliográfica e de campo por meio de entrevista a catalogadores. Os resultados confirmaram que, o projeto Catalogação na Fonte apresentou uma proposta interessante, pois, através da cooperação, reduziria esforços e custos desnecessários, todavia, sua prática mostra-se inviável. A grande maioria dos entrevistados considera que as fichas são feitas de formas diferenciadas, contemplando erros tanto de normalização, quanto de inserção dos elementos constituintes das oito áreas. Mesmo assim, alguns profissionais utilizam os dados oriundos da ficha. A falta de padronização ao estruturar a ficha, bem como a apresentação dos seus elementos, durante o processo de editoração dos livros, são problemas detectados que desqualificam o trabalho da Catalogação na Fonte, impedindo sua utilização nas bibliotecas universitárias, o que remete à criação de normativas aos editores para que as fichas sejam elaboradas por profissionais qualificados e por uma central de catalogação unificada.

Palavras-chave: Catalogação. Bibliotecas universitárias. Ambientes colaborativos. Catalogação cooperativa. Catalogação na Fonte.

Abstract: The cataloging has been outstanding and becoming more effective day thanks to cooperation practices carried out in the units and information services. This cooperation enables that managers, intermediate users and end users are in constant interaction, in order to avoid various forms of representation in sheets and catalogs. Therefore, this article brings up the importance of catalogers and managers of university libraries work together, to

ensure a standardized, uniform and integrated process. It aims to analyze the cataloging process carried out in libraries, considering or not, during the course of this process, the extraction of cataloging data from the printed catalog card in the books (Cataloging at Source). For this purpose, the study provides theoretical reflections about the cataloging process in the context of university libraries, and investigates the opinion of professionals on how to consider the record of the information in time to make representations in the library catalog. Methodologically, we used literature and field research through interviews to catalogers. The results confirmed that the project Cataloging at Source presented an interesting proposal, because through cooperation, reduce unnecessary efforts and costs, however, his practice proves unfeasible. The vast majority of respondents believes that the chips are made of different ways and involves errors both standards, the insertion of the elements of the eight areas. Still, some professionals use the data from the file. The lack of standardization in structuring the plug, and the presentation of its elements during the process of publishing the books are detected problems that disqualify the work of Cataloging at Source, preventing their use in university libraries, which leads to the creation of normative publishers to the bookmarks to be drawn up by qualified professionals and a central unified cataloging.

Keywords: Cataloguing. University libraries. Collaborative environments. Cooperative Cataloging. Cataloging at Source.

1 INTRODUÇÃO

A organização da informação representa uma das principais funções bibliotecárias inseridas nos fazeres dos profissionais da informação. Contemplada pelas atividades de catalogação, indexação e classificação, essa função está presente em todos os espaços organizacionais que demandem a formação e desenvolvimento de acervos documentários.

Nas bibliotecas universitárias, essas práticas são comumente realizadas na tradicional e conhecida sala ou setor de “processamento técnico” e têm como principais objetivos armazenar e disponibilizar de forma organizada e sistematizada os materiais informacionais necessários à sustentação das atividades acadêmicas, sejam elas voltadas às atividades de ensino, de pesquisa e de extensão, atividades essas que compõe a tríade que permeia a ambiência universitária.

Assim, o acervo da biblioteca universitária, normalmente, é composto por diversificadas coleções bibliográficas, haja vista atender diferentes públicos, como: discentes, docentes, colaboradores e pesquisadores. Em virtude do tamanho do acervo e dos diferentes perfis a serem atendidos, é preciso que as atividades de representação da informação, principalmente a catalogação, sejam realizadas com efetividade, visando melhorias no processo de busca e recuperação de documentos.

De modo geral, considera-se que a catalogação é realizada através de um conjunto de práticas de representação, cujo objetivo principal é expor as

características que identifique o objeto informacional em um catálogo, seja ele impresso ou automatizado. A importância da catalogação está associada ao acesso dos documentos de uma biblioteca, logo, documentos descritos aleatoriamente, sem consistência, conseqüentemente, acarretarão problemas na recuperação.

Nesse contexto, com o intuito de conferir precisão aos processos de representação da informação, são elaborados instrumentos específicos, como os códigos e linguagens documentárias, sustentados por meio de práticas padronizadas de catalogar, indexar e classificar documentos bibliográficos (DIAS; NAVES, 2007).

Especificamente, em bibliotecas universitárias, a catalogação constitui um dos serviços técnicos realizados por profissionais qualificados, através de técnicas, metodologias e instrumentos variados, tendo em vista o controle e padronização dos procedimentos realizados pelas equipes de trabalho. No entanto, mesmo com o propósito da uniformização, essas práticas ainda realizam-se de variadas formas, considerando-se o perfil do profissional, os diferentes atores envolvidos na construção e compartilhamento de registros, bem como a realidade em que a biblioteca está situada (FUJITA, 2009).

Os problemas relativos à falta de padronização na catalogação não se limitam, tão somente, ao ambiente da biblioteca universitária, mas abrange outros contextos externos que interfere no processo de catalogação da referida biblioteca. Como exemplo, destacam-se as atividades iniciais de catalogação que são realizadas no momento da impressão do livro, ou nos casos em que os registros são retirados de outras bases, sendo migrados para a biblioteca universitária.

Ressalta-se que os objetos informacionais que irão compor os acervos dessas bibliotecas, sobretudo os livros, por serem publicados por empresas especializadas, como as editoras, são editados seguindo um padrão de formato físico. Logo, ao serem impressos para distribuição, os vários exemplares de uma mesma obra possuem características estéticas (de formato) similares. Por conseguinte, a prática da catalogação se repete em diferentes exemplares.

Visando poupar recursos e esforços, pensou-se em realizar a catalogação de um determinado exemplar, uma única vez, especialmente durante a fase de confecção editorial do livro, de modo que ao chegar nas bibliotecas, a representação já estivesse pronta na folha de rosto, contribuindo com o trabalho do catalogador.

Esse projeto, iniciado na década de 1970, ficou conhecido como Catalogação

na Publicação ou Catalogação na Fonte, tendo como princípio norteador, permitir que a catalogação, realizada na fonte, fosse compartilhada entre todos aqueles que adquirissem o livro, não havendo necessidade de realizar as verificações no item e elaboração dos registros bibliográficos, os quais comporiam os pontos de acesso entre o item e o usuário que irá buscá-lo no catálogo (CAMPELLO, 2006).

De acordo com Barbosa (1978), a fim de facilitar o processo de catalogação, sobretudo em espaços em que há alta predominância pela compra de livros, a elaboração da ficha catalográfica no momento em que o livro é impresso, certamente, poderia contribuir com o trabalho dos catalogadores nesses espaços com grande volume documental.

A proposta inicial do projeto era que, no processo de editoração, os livros fossem enviados à Câmara Brasileira do Livro ou ao Departamento Administrativo de Serviço Público de São Paulo para que fosse feita a catalogação, visando estabelecer um padrão nos procedimentos (CAMPELLO, 2006). Porém, com o descumprimento deste envio a esses dois institutos, a catalogação passou a ser feita de maneira disforme, em muitos casos por profissionais não habilitados para esse fim (SANTA ANNA; CALMON; CAMPOS, 2016).

Observam-se que os formatos, as normalizações e as descrições dos elementos nas áreas da ficha catalográfica, impressa no verso da folha de rosto, varia de livro para livro. Devido a essa falta de uniformidade, a ficha catalográfica passa a ser uma fonte de informação não confiável. Os próprios códigos de catalogação, como o AACR2, por exemplo, não consideram a ficha como fonte principal de informação.

O projeto denominado Catalogação na Fonte está inserido na proposta ou processo da Catalogação Cooperativa, ou seja, os bibliotecários unem esforços e trabalham de forma integrada, tendo em vista permitir que os registros de um item criado em uma dada biblioteca ou editora, possam ser compartilhados por outras, desencadeando facilidade e agilidade aos profissionais (BARBOSA, 1978).

Trata-se, na verdade, de ações voltadas à integração entre diferentes bibliotecas, o que desencadeia a cultura colaborativa quanto ao processo de catalogação. As ações de compartilhamento de registros têm se intensificado, de forma vertiginosa, nos últimos anos, a partir da construção de bases de dados remotas, viabilizada por meio do uso das tecnologias (MEY; SILVEIRA, 2009).

Esse trabalho integrado, juntamente com a cultura colaborativa, e

considerando a necessidade de padronização nas representações documentárias, certamente, requer práticas de gestão realizadas junto às equipes de trabalho, haja vista viabilizar controle e constante monitoramento das práticas de trabalho, visando a melhoria contínua e excelência dos processos de trabalho, assim como acontece em organizações competitivas da atualidade.

Nesse contexto, este estudo apresenta como temática central a “Catalogação na Fonte e sua interferência no trabalho dos catalogadores nas bibliotecas universitárias”. Objetiva analisar o processo de catalogação realizado em bibliotecas, considerando ou não, durante a realização desse processo, a extração de dados catalográficos retirados da ficha catalográfica.

Como objetivos de natureza específica, tem-se os seguintes: 1 – refletir acerca do processo de catalogação no contexto das bibliotecas universitárias, e 2 – investigar a opinião dos profissionais a respeito de como consideram as informações da ficha no momento de realizar as representações no catálogo da biblioteca.

Metodologicamente, a fim de se atingir o objetivo geral pretendido, optou-se pela pesquisa bibliográfica, tendo em vista atender ao primeiro objetivo específico do estudo e pesquisa de campo, no que se refere ao segundo objetivo específico.

O estudo mostra-se relevante, pois viabiliza reflexões acerca das diferentes formas de representação realizadas em bibliotecas e a necessidade de se instituir políticas voltadas para assegurar padronização na criação dos registros, assim como viabilizar formas de gestão e monitoramento constante nas atividades realizadas, de modo que os serviços de compartilhamento possam ser realizados, tendo em vista poupar tempo e recursos dos catalogadores, garantindo, dessa forma, confiabilidade nos registros compartilhados.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O PROCESSO DE CATALOGAÇÃO NO CONTEXTO DAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

As bibliotecas universitárias constituem espaços de informação, nos quais contemplam diferentes suportes documentais, mediados por variadas tecnologias, e cuja função é atender diferenciadas necessidades, sobretudo no que se refere ao provimento de informações necessárias para sustentar as atividades educacionais demandadas nos cursos de graduação.

Portanto, essa unidade de informação está inserida no contexto educacional, contribuindo com as atividades de ensino e aprendizagem nos ambientes acadêmicos. De modo geral, essa modalidade de biblioteca adentra-se aos mesmos objetivos da instituição mantenedora, qual seja, a universidade, logo, prestando serviços de informação no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão (MIRANDA, 2007).

Observa-se, nesse âmbito, que os principais usuários dos serviços e produtos bibliotecários oferecidos nas bibliotecas universitárias correspondem àqueles personagens que frequentam a universidade, tais como: professores, alunos e colaboradores. Portanto, essa unidade apresenta mais do que nunca, uma função pedagógica, contribuindo com a produção e disseminação de conhecimento para a sociedade (MILANESI, 2002).

Além dos serviços voltados à educação, essa modalidade de biblioteca também oferece outros serviços, os quais vão além do acervo informacional, atingindo instâncias mais amplas, como a comunidade externa. De acordo com Monteiro e Silva (2016), cabe à biblioteca universitária oferecer atividades voltadas às necessidades cotidianas da sociedade, de modo que a biblioteca consolide-se em prol da prática cidadã.

Vicentini et al. (2007) acreditam que dentre os serviços que ultrapassam as atividades educativas, destacam-se as atividades recreativas, ações culturais, além de encontros e eventos que podem ser realizados no recinto da biblioteca, o que tende a tornar esse espaço mais frequentado e participativo.

No entanto, é preciso considerar que mesmo possuindo essas múltiplas funções, as funções relacionadas ao tratamento de documentos em prol da formação da coleção constituem a principal atividade realizada nas bibliotecas universitárias brasileiras da modernidade (BEM et al., 2013).

De acordo com os autores supracitados, o acervo documental gerenciado nesses espaços informacionais requer a adoção de estratégias de gestão e técnicas aprimoradas, de modo a tornar os documentos mais acessíveis e que atendam as necessidades dos usuários que recorrem à unidade. A diversidade de serviços e produtos, assim como a multiplicidade de atividades são características que permeiam o cotidiano dessas unidades de informação.

Corroborando esse pensamento Cunha (2010), para quem a biblioteca universitária é composta por um somatório de atividades amplas e complexas, tendo

interferências das tecnologias, sendo que seus produtos e serviços convergem a cada dia para o ambiente digital, o que demonstra o aspecto adaptativo, inovador e competitivo da biblioteca no mundo atual.

Para Maciel e Mendonça (2006), de um modo geral, as bibliotecas devem ser consideradas como organizações inseridas em um contexto competitivo e com amplos serviços e produtos oferecidos. A biblioteca universitária, principalmente, é amparada por um conjunto de atividades, agrupadas em funções, o qual está em constante interação. Segundo essas autoras, as bibliotecas realizam seus serviços em meio às funções de desenvolvimento de coleções, organização da informação, dinamização das coleções e funções gerenciais.

As funções de organização da informação constituem o centro de todas as atividades e desenvolvem inúmeras atividades, por meio de técnicas e instrumentos adequados para realizar o processamento técnico dos documentos. Fazem parte dessas funções, as atividades de catalogação, indexação e classificação, dentre outros pormenores que se diluem em meio a essas práticas (SANTA ANNA; CALMON; CAMPOS, 2016).

Destaca-se, ainda, que essas práticas de tratamento documental são consideradas como ações operacionais ou serviços meios da biblioteca. Esse grupo de atividades oferece a base necessária e o suporte informacional para o desenvolvimento dos serviços fim da pela biblioteca, de modo que a informação torne-se recuperável no momento da busca pelo usuário (MACIEL; MENDONÇA, 2006).

Em meio a essas atividades de organização da informação, destaca-se a catalogação, vista como uma atividade processual relacionada com a descrição de dados que representem o documento em um catálogo. Portanto, a prática de catalogar representa o processo de descrição, ou melhor dizendo, corresponde “[...] às análises que são efetuadas nos vários locais do suporte que abarca a informação, visando detectar dados que representem a totalidade do documento e constitui ponto de acesso para a recuperação documental quando inserido nos catálogos” (SANTA ANNA; CALMON; CAMPOS, 2016, p. 63).

Para Mey e Silveira (2009), a catalogação representa a arte ou fazer de criar catálogos, sendo necessário para tanto, a utilização de instrumentos e linguagens padronizadas, de modo que as mensagens descritas nos catálogos sejam compreendidas pelos usuários, viabilizando a recuperação da informação. Nesse

contexto, a catalogação constitui um conjunto de atividades relacionado ao

[...] **estudo, preparação e organização de mensagens**, com base em registros do conhecimento, reais ou ciberespaciais, existentes ou passíveis de inclusão em um ou vários acervos, de forma a permitir a interseção entre as mensagens contidas nestes registros do conhecimento e as mensagens internas dos usuários (MEY; SILVEIRA, 2009, p. 7, grifo nosso).

As autoras supracitadas consideram, portanto, a catalogação como um processo comunicativo, sendo essa ideia corroborada por Novellino (1996), quando menciona que a catalogação visa a construção de termos abreviados, os quais são inseridos em um instrumento de consulta (catálogo), que, através de metodologias de descrição e estratégias de busca, favorecerá a individualização e localização do item em um conjunto documental.

Portanto, catalogar significa utilizar técnicas e estratégias que visem substituir “[...] uma entidade linguística longa e complexa - o texto do documento - por sua descrição abreviada [...]”. Assim, as palavras e termos descritos geram o produto final, que é o catálogo, constituindo esse produto “um sumário” dos documentos de uma coleção. Essa sumarização é desejável pois sua função é demonstrar a essência do documento. Com efeito, a catalogação “[...] funciona então como um artifício para enfatizar o que é essencial no documento considerando sua recuperação, sendo a solução ideal para organização e uso da informação” (NOVELLINO, 1996, p. 38).

Estudo desenvolvido por Okara e Ortega (2009) demonstrou a complexidade das práticas de representação da informação no âmago das bibliotecas universitárias. Essa tradicional prática é realizada com grande intensidade nessas unidades de informação, exigindo a presença de equipes de trabalho especializadas e que trabalhem em cooperação. Nesses ambientes, segundo as mesmas autoras, os bibliotecários e auxiliares envolvidos na prática da catalogação devem possuir domínio sobre os processos e instrumentos de tratamento da informação da unidade de trabalho em que atuam, domínio esse que implica em capacidade investigativa, interpretativa e de tomada de decisão.

Diante da complexidade e dos múltiplos fazeres que permeiam o contexto da prática da catalogação, assim como a repetição de atividades, as bibliotecas, estrategicamente, desenvolveram processos de cooperação, no intuito de minimizar o retrabalho demandado por essas práticas de representação realizadas nas bibliotecas.

Surge assim, a chamada Catalogação Cooperativa que, segundo Barbosa (1978), constitui uma prática necessária à redução de esforços e desgastes desnecessários, além de poupar tempo e recursos envolvidos na catalogação. Trata-se de um processo colaborativo, em que as descrições de um determinado item informacional são realizadas apenas uma vez, sendo esse registro compartilhado entre as unidades que adquirem o mesmo item.

Nas palavras de Okada e Ortega (2009, p. 22):

Na catalogação cooperativa, a catalogação de um documento é feita apenas uma vez e o registro resultante é disponibilizado a outras bibliotecas por meio de um catálogo coletivo, ou seja, existe um registro original que é compartilhado por um grupo de unidades de informação, agilizando o serviço.

A ideia da Catalogação Cooperativa foi pensada, originalmente, por Charles Jewett, um dos grandes mestres da catalogação no mundo – juntamente com Cutter e Pannizzi é considerado os gênios da catalogação universal - no século XIX. Esse pesquisador pensou na possibilidade de se desenvolver um catálogo coletivo, contendo registros bibliográficos que pudessem ser compartilhados. Também fomentou a proposta de confecção de fichas catalográficas impressas, no momento do nascimento do livro, sendo que o processo de confecção e comercialização de fichas passou a ser realizado pela Biblioteca do Congresso, nos Estados Unidos, alguns anos depois (BARBOSA, 1978).

Assim, a Biblioteca do Congresso ocupou o posto de central de catalogação, durante muito tempo. No decorrer dos anos, com o desenvolvimento e adesão às tecnologias, inúmeros projetos foram realizados, desencadeando a criação e disponibilização de acervos coletivos inseridos em ambiente digital, de modo que os registros bibliográficos possam ser compartilhados mundo afora, por meio das redes de computadores (ZAFALON, 2009).

No Brasil, as bibliotecas universitárias foram as pioneiras nos serviços de compartilhamento de registros bibliográficos, tendo como base o uso de redes computacionais. Assim, constata-se um processo intenso de socialização de informações e conhecimentos potencializados a partir do uso dos recursos eletrônicos e com a incorporação das bibliotecas no ambiente digital (CARVALHO, 2004).

Para Campello (2006), no Brasil, a ideia de instituir uma central de catalogação parte dos bibliotecários atuantes no DASP, a partir de meados do

século XX, o qual viabilizou a construção de redes de catalogação, facilitando o trabalho de intercâmbio, estando a frente dessas negociações, a maioria das bibliotecas universitárias brasileiras.

Destaca-se, também, no Brasil, a institucionalização dos métodos de controle bibliográfico, fruto dessas inovações, como o ISBN e ISSN, além das normas para editoração de livros, as quais mencionam a necessidade das editoras elaborarem a ficha catalográfica e inseri-la no verso da folha de rosto, concretizando o processo de Catalogação na Fonte. Portanto, é a partir de 1970, que todos os livros editados no país passaram a conter a ficha impressa, tendo em vista facilitar/agilizar o trabalho de catalogação nas bibliotecas que adquirissem esse tipo de material (CAMPELLO, 2006).

No intento de conferir credibilidade, padronização e autenticidade à elaboração dessas fichas, a princípio, determinou-se que os livros publicados no Brasil, antes de serem editorados, deveriam ser enviados ao DASP ou à Câmara Nacional do Livro, a fim de que fosse elaborado esse produto de representação documentária (BARBOSA, 1978).

Mesmo tendo uma proposta interessante e viável, no que se refere à Catalogação na Fonte, no entendimento de Santa Anna, Calmon e Campos (2016), alguns desafios fizeram-se presentes, sobretudo quanto ao descumprimento no envio dos livros às centrais de catalogação, bem como à falta de recursos, principalmente humanos, dessas instituições, o que desencadeou a confecção de fichas catalográficas despadronizadas.

Sendo assim, na visão dos autores supracitados, a ficha catalográfica, embora continue sendo impressa no verso da folha de rosto, não constitui um produto confiável, logo, os dados nela armazenados podem não estar em consonância com o código de catalogação adotado no Brasil, o AACR2, o que pode comprometer a utilização da ficha pelo catalogador.

Nesse contexto, torna-se pertinente considerar o que os bibliotecários atuantes em bibliotecas universitárias consideram a respeito do uso da ficha catalográfica inserida no verso da folha de rosto dos livros, no momento de se realizar a criação e/ou recriação de seus registros bibliográficos.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

Como métodos de pesquisa, optou-se por duas modalidades de estudos, desenvolvidas sequencialmente: a princípio, a pesquisa bibliográfica, seguida da pesquisa aplicada em campo.

Sobre a pesquisa bibliográfica, Fonseca (2002 apud CORDOVA, 2009, p. 36) afirma que ela é realizada

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto.

Neste trabalho, considerou-se como fontes de informação que sustentou a pesquisa bibliográfica livros e artigos científicos publicados em revistas e eventos da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil, cuja temática central abordava a catalogação e suas relações com as bibliotecas universitárias.

Após a análise na literatura, procedeu-se à pesquisa de campo, a qual representa uma investigação realizada em um local específico, considerando a realidade que permeia o ambiente estudado.

Assim, o estudo de campo, de acordo com Doxsey e De Riz (2003, p. 38-9), representa

[...] um estudo empírico, no qual o pesquisador sai a campo para conhecer determinada realidade, no interior da qual, usando os instrumentos e técnicas já especificados, coleta dados para sua pesquisa. A escolha de um método específico depende principalmente do objeto do estudo, mas o fator tempo e a necessidade para usar um ou vários métodos em conjunto influenciam a seleção [...].

Neste trabalho, o ambiente de pesquisa diz respeito ao espaço das bibliotecas universitárias, especificamente, as atividades de representação da informação, realizadas no setor de processamento técnico. Foram investigadas as seis bibliotecas universitárias existentes em um estado brasileiro, tendo como sujeitos de pesquisa, os bibliotecários responsáveis ou gestores do setor de processamento.

Para coleta de dados, utilizou-se o questionário com perguntas fechadas. Esse instrumento é constituído, segundo Gerhardt (2009, p. 69), “[...] por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante, sem a presença do pesquisador”. O objetivo dessa técnica de pesquisa é “[...] levantar

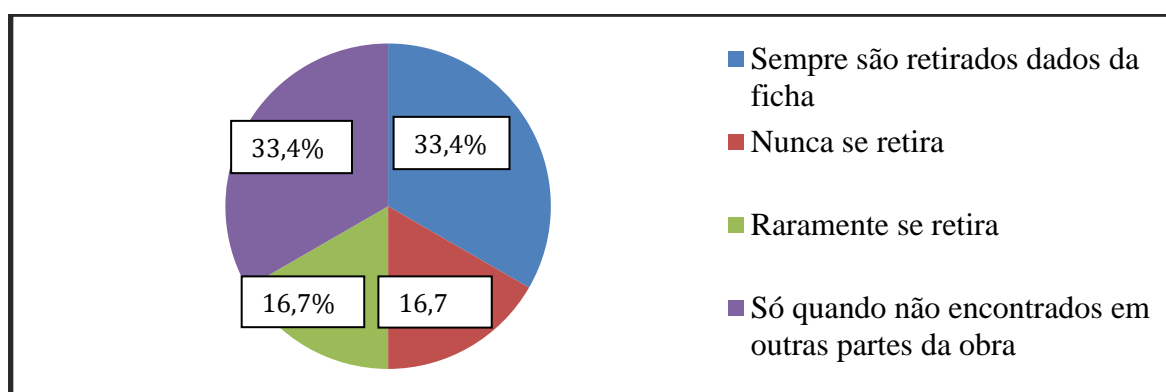
opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas [...]”. Para os citados autores, a linguagem utilizada no questionário deve ser simples e direta, para que quem vá responder compreenda com clareza o que está sendo indagado.

Assim, a fim de alcançar o objetivo central deste estudo, enviou-se questionário, por e-mail, com oito perguntas fechadas, a fim de coletar dados de como o processo de catalogação era realizado no comparativo com a ficha catalográfica. Os respectivos instrumentos foram devolvidos em um prazo máximo de 30 dias, também por e-mail e os dados coletados e suas correspondentes análises estão descritos na seção seguinte.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primeiramente, indagou-se a respeito da utilização da ficha catalográfica quando se vai realizar a identificação dos registros bibliográficos e a inserção deles no sistema. Para duas bibliotecas (33,4%), sempre são retirados dados da ficha; em uma biblioteca (16,7%) nunca se retira; outra biblioteca (16,7%) também aferiu que raramente; e, por fim, para duas bibliotecas (33,4%), só retiram dados quando não encontrados em outras fontes (gráfico 1).

Gráfico 1 – Dados retirados das fichas catalográficas



Fonte: dados da pesquisa (2016)

Observa-se diferentes realidades, com base nas respostas obtidas. Embora algumas bibliotecas recorrem à ficha catalográfica para retirar dados a fim de serem inseridos nos registros criados pela biblioteca, é importante considerar que, de acordo com o AACR2, instrumento de catalogação utilizado até o momento no Brasil, constitui partes da obra, ou fontes de informação confiáveis, principalmente quanto aos dados referentes a titulações e indicações de responsabilidade, apenas

a folha de rosto e o colofão.

Os resultados acima mostram o quanto é diversificada a prática da catalogação em diferentes contextos. É importante destacar que, a ficha não constitui fonte de informação, logo, é mais recomendável utilizar outras partes do livro, como folha de rosto, colofão, capa etc. Se os dados não forem identificados em nenhuma parte da obra que não a ficha, a regra direciona que os dados devam ser colocados entre colchetes (MEY; SIVEIRA, 2009).

É preciso considerar a capacidade investigativa e interventiva do profissional que atua com a representação da informação. Isso porque, a identificação dos dados não deve ser realizada de forma aleatória, mas sim, ser permeada por um processo amplo e minucioso, de análise em toda a parte estética do item, o que se denomina de análise bibliológica (BAPTISTA, 2006).

Através da segunda pergunta, foi indagado se a unidade realiza serviços de confecção de fichas catalográficas para terceiros. Para todos os respondentes, a biblioteca realiza essa atividade.

A realização da catalogação na fonte tem sido uma atividade corrente das bibliotecas universitárias modernas, principalmente quanto à confecção de fichas para trabalhos acadêmicos produzidos nos programas de Pós-Graduação dessas unidades. A esse respeito, estudo realizado por Tartorotti e outros (2013, p. 1), no sistema de bibliotecas da Universidade de Campinas, demonstrou que esses fazeres podem ser melhorados através do uso das novas tecnologias, por meio de um canal interativo entre a biblioteca e os usuários solicitantes.

Esses autores acreditam que

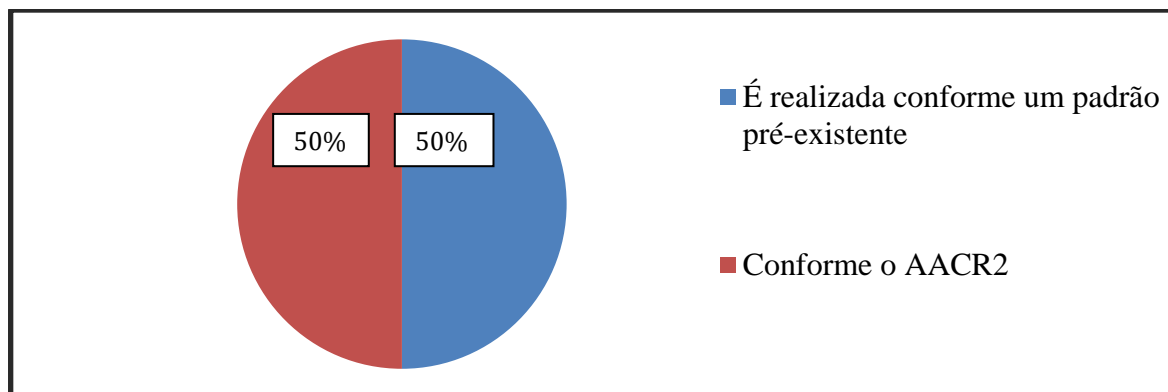
[...] O objetivo da catalogação na publicação de dissertações e teses da Unicamp é contribuir para que a produção técnico-científica receba um tratamento descritivo-temático padronizado, permitindo sua efetiva recuperação e promovendo maior visibilidade da produção científica da universidade, não apenas no contexto específico da instituição como em âmbito mundial [...].

Assim, confirma-se uma atividade imprescindível realizada nas bibliotecas universitárias, em virtude da alta produção científica oriunda das práticas de pesquisa realizadas por docentes e discentes. No momento da elaboração desse produto, o profissional identifica e representa os dados dos itens, alocando-os nas respectivas áreas das fichas.

Em seguida, perguntou-se sobre o que fundamenta a construção da ficha. Para três respondentes (50%), a ficha é confeccionada conforme um padrão pré-

existente (manual) feito pela biblioteca; os outros respondentes mencionaram que seguem o AACR2 (gráfico 2).

Gráfico 2 – O que fundamenta a elaboração da ficha

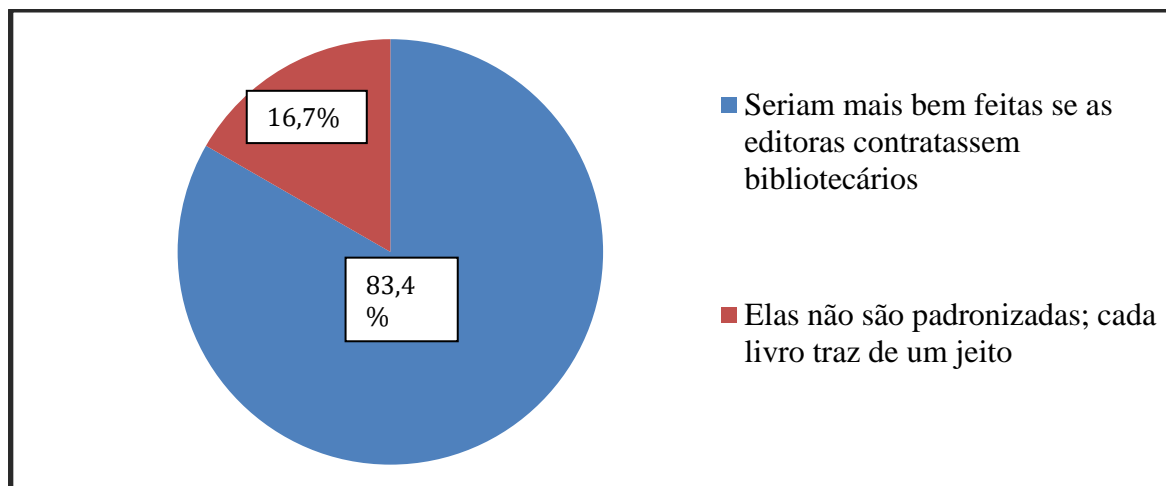


Fonte: dados da pesquisa (2016)

Novamente, afere-se, aqui, a necessidade das instituições seguirem os instrumentos de catalogação, sobretudo os códigos, uma vez que esses instrumentos visam a uma importante função da catalogação: estabelecer a uniformidade nas representações documentárias. Todavia, não se deve esquecer que cada biblioteca está inserida em contextos específicos, portanto, a elaboração de manuais, assim como políticas específicas, pode representar uma melhor forma de atender as necessidades e limitações da comunidade local (SANTA ANNA; CALMON; CAMPOS, 2016).

Visando constar a percepção dos sujeitos entrevistados quanto à ficha elaborada pela editora, na visão de cinco pessoas (83,4%), consideraram que as fichas seriam mais bem feitas se as editoras contratassem bibliotecários; e, apenas uma biblioteca (16,7%) acha que elas não são padronizadas, pois cada livro traz de um jeito (gráfico 3).

Gráfico 3 – A percepção dos profissionais acerca das fichas inseridas nos livros pelas editoras

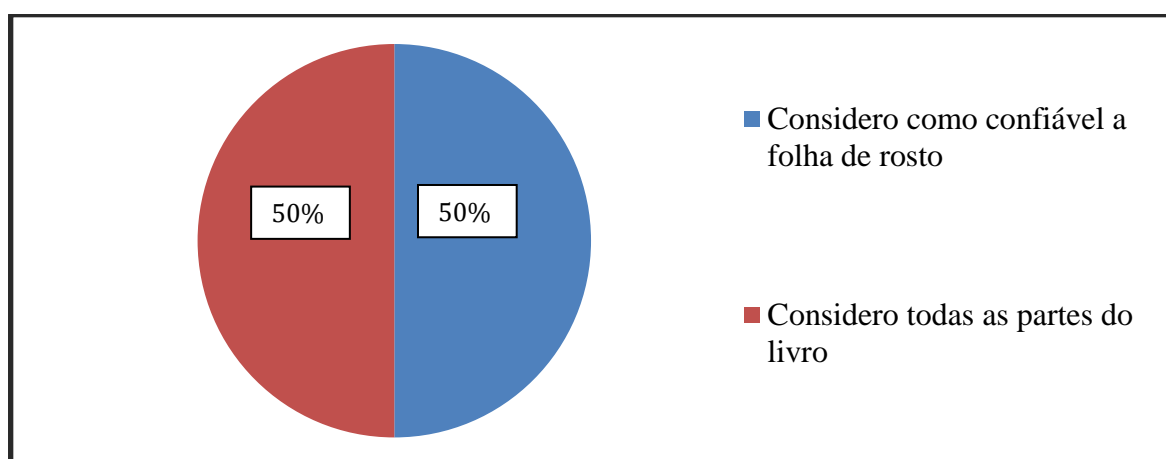


Fonte: dados da pesquisa (2016)

O AACR2 descreve as normas para confecção das fichas, no entanto, tendo em vista adequar os serviços ao perfil do usuário, tornam-se válidas as modificações nas regras, tendo a necessidade de instituir manuais ou políticas de catalogação. O fato de a maioria considerar a ausência de bibliotecário no processo editorial, também é válida dada a importância desse profissional no âmago da catalogação (SANTA ANNA, CALMON; CAMPOS, 2013).

No que se refere às fontes de informação (partes dos livros) consultadas para gerar os registros, três pessoas (50%) consideram como confiável a folha de rosto; os três respondentes restantes consideram todas as partes do livro (gráfico 4).

Gráfico 4 – Partes confiáveis do livro para se extrair dados catalográficos



Fonte: dados da pesquisa (2016)

Nesse enfoque, de acordo com Mey e Silveira (2009), para livros impressos a fonte principal de informação deve ser a folha de rosto, no que se refere às titulações e suas variantes, bem como os dados referentes às indicações de responsabilidade. As autoras, ao citarem o AACR2, descrevem que outras fontes

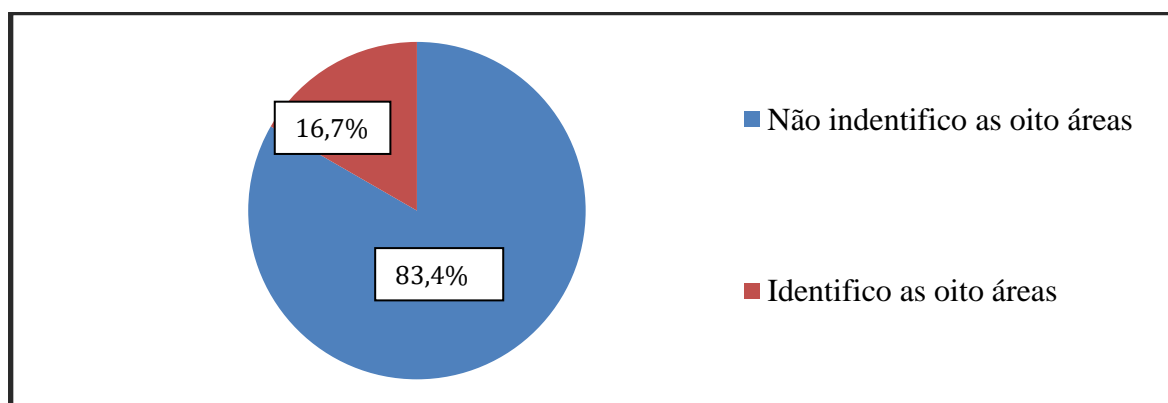
como o colofão, capa, orelhas, podem ser utilizadas caso não seja possível localizar os dados nas partes principais da obra.

Novamente, constata-se, a partir desses dados, descumprimento no que se refere às recomendações propostas pelos instrumentos de catalogação. Com efeito, fazem-se necessárias, nos contextos universitários, práticas de gestão, de modo que sejam realizados treinamentos, além de motivação para que profissionais participem, além de constante monitoramento quanto às formas em que o trabalho é desenvolvido, haja vista, consolidar melhorias contínuas (CARVALHO, 2011).

Levando em consideração a afirmação de que a ficha passou a ser impressa nos livros pós década de 1970 (CAMPELLO, 2006), indagou-se: “você já encontrou livros editados após essa data, com ausência de ficha?”. Para todos os participantes da pesquisa, já encontraram livros publicados pós década de 1970, sem a ficha inserida no livro. Devido à essência do projeto de Catalogação na Fonte que era representar de uma só vez o item informacional, entende-se que a não inserção da ficha prejudica o trabalho do profissional e não atende às exigências instituídas no referido projeto.

Ao serem questionados se conseguem identificar as oito áreas da descrição na ficha, para cinco indivíduos (83,4%) disseram que não conseguem, e, apenas um (16,7%) consegue visualizar as áreas (gráfico 5).

Gráfico 5 – Identificação das oito áreas da ficha



Fonte: dados da pesquisa (2016)

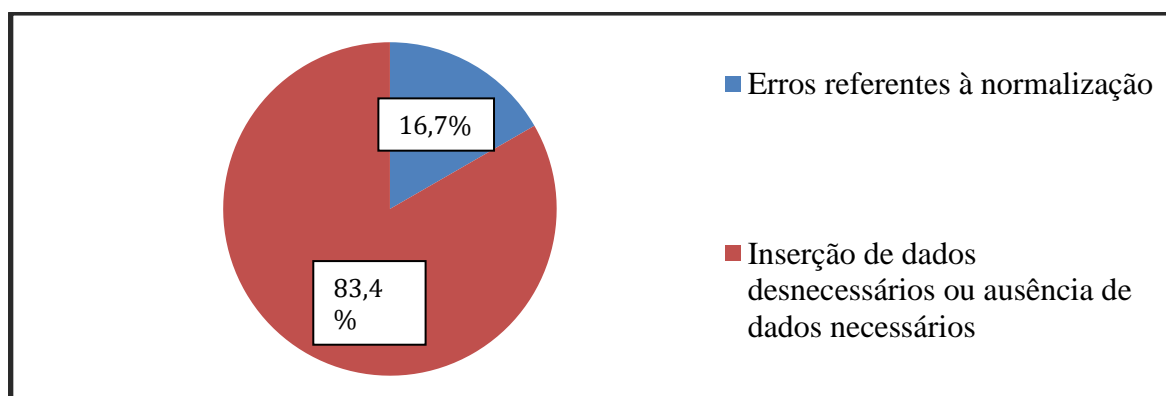
As fichas devem abordar as oito áreas da descrição e seus devidos elementos (RIBEIRO, 2001). Logo, se as áreas não estão visíveis, aferem-se duas suposições: má representação das áreas ou falta de conhecimento do profissional.

Novamente, recorrendo ao trabalho de Tartorotti e outros (2013, p. 1), afere-se a importância do profissional realizar um trabalho que facilite a vida de quem for

utilizar os produtos gerados com a catalogação. Logo, entende-se que o profissional deve ser competente na prestação de seus serviços, pois garantirá melhorias no trabalho de colaboração com outros profissionais. De qualquer forma, segundo os citados autores, o bibliotecário precisa prestar um serviço de qualidade, como também, ter a capacidade de avaliar a prestação de serviços de terceiros.

Ao final, a oitava e última pergunta indagou a respeito dos erros encontrados nas fichas: “ao analisar as fichas catalográficas dos livros oriundos das editoras, você percebe erros?”. Novamente, apenas um respondente (16,7%) considera os erros maiores os referentes à normalização; já para a grande maioria, cinco indivíduos (83,4%), os erros maiores referem-se à inserção de dados desnecessários e/ou ausência de dados necessários na ficha (gráfico 6).

Gráfico 6 – Erros encontrados nas fichas catalográficas



Fonte: dados da pesquisa (2016)

De acordo com o estudo de Mey e Silveira (2009), a ficha catalográfica é um instrumento da catalogação, o qual será lido por alguém, logo deverá transmitir uma mensagem clara, legível e objetiva. Portanto, as fichas catalográficas advindas das editoras, deveriam seguir uma uniformização, haja vista permitir conforto e entendimento àquele que irá utilizá-la, seja usuários intermediários (os profissionais) quanto os usuários finais (outros usuários).

Os dados oriundos dessa última pergunta evidenciam resultados de que a representação dos elementos em suas respectivas áreas é um dos maiores problemas enfrentados por catalogadores. No entanto, também se infere, com base nas respostas anteriores, de modo geral, que a ficha não é bem representada na fonte, apresentando inúmeros erros, o que confirma a mesma conclusão alcançada por Santa Anna, Calmon e Campos (2016) de que a catalogação é um processo que acontece de múltiplas formas, não seguindo (mas deveria) procedimentos uniformes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da revisão teórica realizada neste estudo, reafirma-se a complexidade dos produtos e serviços realizados nas bibliotecas universitárias, sobretudo no que se refere aos procedimentos de organização da informação. Com o uso de novas tecnologias, novos processos de trabalhos foram gerados, desencadeando inúmeros benefícios, tais como agilidade, redução de tempo e retrabalho, viabilizados a partir da prática colaborativa.

Assim, a Catalogação cooperativa despertou a necessidade de as bibliotecas universitárias trabalharem em conjunto, por meio da colaboração, de modo que os registros bibliográficos criados por uma unidade possam ser compartilhados por inúmeras outras bibliotecas, fato esse que exigiu ainda mais, padronização e uniformidade às atividades realizadas.

Portanto, o trabalho colaborativo relacionado à catalogação é bem-vindo no contexto das bibliotecas universitárias, representando um grande avanço para a área, através de programas de compartilhamento de registros, potencializados com o uso das novas tecnologias. Além desse avanço quanto ao uso das tecnologias, destacam-se projetos pioneiros de colaboração, como a Catalogação na Fonte, o qual objetiva inserir o registro bibliográfico (ficha catalográfica) no momento de editoração do livro, sendo essa atividade de responsabilidade dos editores.

As discussões fornecidas pela literatura acerca do projeto Catalogação na Fonte demonstraram a viabilidade e importância do referido projeto, haja vista agilizar o trabalho dos catalogadores em todo o mundo, que, através da cooperação, reduziria esforços e custos desnecessários.

Contudo, de acordo com as informações relatadas pelos profissionais participantes da pesquisa de campo, as fichas são feitas de formas diferenciadas, contemplando erros tanto de normalização, quanto de inserção dos elementos constituintes das oito áreas.

A falta de padronização ao estruturar a ficha, bem como a apresentação dos elementos são problemas detectados que desqualificam o trabalho da Catalogação na Fonte. Tais problemas tornam a utilização dessa catalogação pelas bibliotecas inviável, conforme opinião da maioria dos respondentes desta pesquisa.

Por meio desses dados, recomenda-se que o projeto seja revisto, no sentido de estabelecer normativas aos editores para que as fichas sejam elaboradas, tão

somente, por profissionais qualificados e através de uma central de catalogação unificada, garantindo, dessa forma, excelência e qualidade ao projeto. Assim, o produto gerado tende a seguir uma padronização e uniformidade, base da catalogação, por conseguinte, os catalogadores nas bibliotecas universitárias poderão utilizar com segurança os dados fornecidos nessa ficha, visando sua inserção nos registros dos catálogos locais.

Devido a algumas lacunas detectadas, sobretudo no que se refere ao conhecimento dos respondentes quanto à elaboração das fichas, conforme as regras instituídas pelos códigos, recomenda-se a elaboração de pesquisas futuras, haja vista, identificar o nível de conhecimento que esses catalogadores possuem quanto à efetiva representação da informação.

Por fim, este estudo demonstra a pluralidade existente na prática da catalogação, assim como constatou Mey e Silveira (2009) e Santa Anna, Calmon e Campos (2015), de que os códigos e linguagens foram criados com vistas à padronização, porém, devido à necessidade de compartilhamento informacional muito presente nas bibliotecas informatizadas, o processo cooperativo, aliado às complexidades inerentes ao profissional que realiza o tratamento, a catalogação vem se desenvolvendo de forma plural, tendo em vista os mais diferenciados contextos em que é gerida e cooperada.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Dulce Maria. A catalogação como atividade profissional especializada e objeto de ensino universitário. **Informação e Informação**, Londrina, v. 11, n.1, jan./jun. 2006. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1700>>. Acesso em: 09 jul. 2011.

BARBOSA, Alice Príncipe. **Novos rumos da catalogação**. Rio de Janeiro: BNG/Brasilart, 1978.

BEM, Roberta Moraes de; NUEMBERG, Adriano Henrique; PEREIRA, Clarissa Agostini; RICHTER, Marivone. O papel da Biblioteca Universitária na vida acadêmica do estudante com deficiência: Ambiente de Acessibilidade Informacional da UFSC. In: AMBONI, Narcisa de Fátima (Org.). **Gestão de bibliotecas universitárias: experiências e projetos da UFSC**. Florianópolis: UFSC, 2013. p. 69-78.

CAMPELLO, Bernadete Santos. **Introdução ao controle bibliográfico**. 2. ed. Brasília: Lemos Informação e Comunicação, 2006.

CARVALHO, Isabel Cristina Louzada. **A socialização do conhecimento no espaço das bibliotecas universitárias**. Rio de Janeiro: Interciência, 2004.

CARVALHO, Maria Carmen Romcy de. Apresentação. In: LUBISCO, Nídia. **Biblioteca universitária: elementos para o planejamento, avaliação e gestão**. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 9-10.

CÓRDOVA, Denise Tolfo Silveira e Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo Silveira (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009. p. 31-42.

CUNHA, Murilo Bastos da. A biblioteca universitária na encruzilhada.

DataGramZero, Revista de Ciência da Informação, v. 11, n. 6, dez. 2010.

Disponível em: <http://www.datagramazero.org.br/dez10/Art_07.htm>. Acesso em: 8 abr. 2016.

DIAS, Eduardo Wensen; NAVES, Madalena Martins Naves. **Análise de assunto: teoria e prática**. Brasília: Thesaurus, 2007.

DOXSEY, J. R.; DE RIZ, J. **Metodologia da pesquisa científica**. ESAB Escola Superior Aberta do Brasil, 2002-2003. Apostila.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. O contexto da indexação para a catalogação de livros: uma introdução. In: _____. (Org.). **A indexação de livros: a percepção de catalogadores e usuários de bibliotecas universitárias**. Um estudo de observação do contexto sociocognitivo com protocolos verbais. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p. 11-18.

GERHARDT, Tatiana Engel et al. Estrutura do projeto de pesquisa. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo Silveira (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009. p. 65-88.

MACIEL, Alba Costa; MENDONÇA, Marília Alvarenga Rocha. **Bibliotecas como organizações**. 2.ed. rev. Rio de Janeiro: Interciência; Niterói: Intertexto, 2006.

MEY, Eliane Serrão Alves; SILVEIRA, Naira Christofolletti. **Catalogação no plural**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2009.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

MIRANDA, Ana Claudia. Carvalho de. Desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n. 2, p. 01-19, jan./jun. 2007. Disponível em:

<<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/367/246>>. Acesso em: 8 abr. 2016.

NOVELLINO, Maria Salet Ferreira. Instrumentos e metodologias de representação da informação. **Informação e Informação**, Londrina, v. 1, n. 2, p. 37-45, jul./dez. 1996. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1603/1358>>. Acesso em: 8 abr. 2016.

OKADA, Susana Yuri; ORTEGA, Cristina Dota. Análise da recuperação da informação em catálogo online de biblioteca universitária. **Informação e Informação**, Londrina, v. 14, n. 1, p. 18 - 35, jul./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1854/3011>>. Acesso em: 8 abr. 2016.

RIBEIRO, Antonia Motta de Castro Memória. **AACR2**: Anglo-American Cataloguing Rules: descrição e pontos de acesso. 2. ed. Brasília: Ed. do Autor, 2001.

SANTA ANNA, Jorge; CALMON, Maria Aparecida; CAMPOS, Suelen. Representação documentária em diferentes bibliotecas: o tratamento informacional como um processo plural. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 61-75, dez./mar., 2016. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1151/pdf>>. Acesso em: 7 mar. abr. 2016.

TARTAROTT, Roberta Cristina Dal' Evedove et al. Melhoria do processo de elaboração de fichas catalográficas do sistema de bibliotecas da UNICAMP (SBU). In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE CATALOGADORES, 14, **Anais Eletrônicos...**, 2013, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2013. Disponível em: <<http://www.abinia.org/catalogadores/24-177-1-PB.pdf>>. Acesso em: 8 abr. 2016.

VICENTINI, L. et al. O papel da biblioteca universitária no incentivo à leitura e promoção da cidadania. **Revista Biblios**, v. 8, n. 27, fev./mar. 2007. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2281822>>. Acesso em: 5 mar. 2016.

ZAFALON, Zaíra Regina. **Formato MARC 21 bibliográfico**: estudo e aplicações para livros, folhetos, folhas impressas e manuscritos. São Carlos: EdUFCar, 2009.